

9

CAPÍTULO

LINGUAGEM, LITERATURA E CULTURA NA SALA DE AULA

AS AMÉRICAS NA POÉTICA INDÍGENA

Liane Schneider

INTRODUÇÃO

Ao longo do presente texto, discuto algumas perspectivas contemporâneas sobre os encontros entre literatura e cultura, buscando destacar e problematizar o tipo de relações (inter)culturais que têm sido estabelecidas ao longo dos séculos entre as Américas, e como essas foram reconstruídas ou recriadas em textos literários na contemporaneidade; essa temática será enfocada principalmente no que diz respeito à sala de aula de cursos de Letras, particularmente nas licenciaturas. Na verdade, parto de uma visão de alguém que atua nas Letras Estrangeiras Modernas, minha área de inserção direta na Graduação, especificamente nas frentes literárias e culturais, mas insisto em me inscrever nesse terreno de forma compa-

rativa, dialógica, em tradução. Por isso, ao falar das linguagens, já penso de imediato em literatura, cultura, gênero, questões étnico-raciais, todos esses marcadores que compõem inevitavelmente meu olhar crítico sobre as escolhas que faço ao selecionar as leituras para os alunos.

Assim, comum a dissertação de Mestrado sobre autoria de mulheres norte-americanas e o vínculo dessas com a temática da loucura, meu interesse se voltou, no Doutorado, às marcas étnicas que diferenciam “algumas” escritoras das Américas de outras. Aliás, acredito que a voz europeia ou norte-americana que chega a nós aqui nos trópicos, ainda majoritariamente branca, masculina e de classe alta, pelo menos até o início dos anos sessenta do século XX, fazia e faz com que os “ditos outros” ainda precisem ser extremamente incisivos na luta por espaço, o que, a meu ver, justifica pesquisas acadêmicas sobre essas outras literaturas, muitas vezes negligenciadas pelo cânone oficial.

Nas pesquisas que desenvolvi alguns anos mais tarde, passei a enfocar a literatura de mulheres indígenas da América do Norte e os possíveis entrelaçamentos entre a crítica literária indígena e feminista. Perspectivas essas que, apesar de, à primeira vista, destoantes ou pelo menos com origens bem diversas, conseguem estabelecer trocas interessantes, impulsionando um jogo de posições no mínimo intrigante e de mútuo enriquecimento ao longo de processos de leitura e escrita, de teorizações e análises críticas. Talvez o elemento unificador entre esses dois discursos – indígena e feminista, seja o fato de ambos questionarem a imposição de qualquer defesa de unicidade, de normatização da diferença, de essencializações irreais.

Partindo do reconhecimento deque os modelos culturais impostos às antigas colônias do continente americano foram idealmente planejados de forma a estabelecer uma meta unificadora dos territórios do dito “mundo novo”, todos igualmente tomados como quintais europeus por onde os antigos impérios idealmente se espalhariam, não nos surpreende que, ao longo do século XX e XXI, sujeitos pós-coloniais (ou descoloniais¹) insistam em destacar e defender a multiplicidade e polivocalidade inerente às vozes e às subjetividades estabelecidas nessas terras há séculos ou milênios. Essas pluralidades são identificáveis tanto no período anterior às colonizações (o que se percebe, por exemplo, na diversidade linguística e cultural dos nativos, com variadas tribos e línguas) como no período marcado pelo ‘pós’, quando as trocas em duas mãos foram sendo estabelecidas, implicando na característica híbridez resultante das contaminações entre diferentes.

¹ Continuamos a utilizar nesse artigo o termo ‘pós-colonial’, seguindo a utilização proposta por grande parte das nossas referências teóricas, cientes de que alguns estudiosos (Costa, 2015) vem dando preferência ao uso do termo ‘descolonial’, por, entre outros motivos, perceberem esse como menos contaminado pelo pensamento marcado por um viés europeu.

Minha proposta aqui é a de discutir como se estabelecem as possibilidades de um olhar relacional sobre as produções culturais desse continente de forma a tornar viável, na sala de aula de língua, de literatura e/ou cultura estrangeira, uma valorização dos elos e choques que vem se apresentando nessas esferas entre os povos das Américas desde que “esse mundo é mundo”, e que escapam a classificações temporais demasiado estreitas, tão típicas de perspectivas exclusivamente embasadas por óticas cartesianas e, porque não, positivistas.

Acredito, inclusive, ter encontrado um lugar que percebo como mais confortável para trabalhar com uma língua e literatura estrangeira que, ainda que atrelada ao contexto internacional, no caso, o da América do Norte, mostra-se eficiente no sentido de provocar leituras críticas tanto dos impérios do passado como das novas faces imperialistas de hoje, com suas novas frentes de atuação. Portanto, já que imagino que nosso diálogo aqui deve estar respaldado no que realmente fazemos em sala de aula e na forma como pensamos esse trabalho como parte fundamental formação dos alunos, relato brevemente de que forma tenho abordado tais questões.

OS ENCONTROS ENTRE LITERATURA E CULTURA NA SALA DE AULA

Há alguns anos tenho ministrado com certa regularidade uma disciplina intitulada “Cultura dos povos de língua inglesa” na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que passou a fazer parte da nossa oferta de disciplinas na última década. Quando preparava o programa referente a esse curso pela primeira vez, tinha certeza que, sim, o conteúdo iria prever uma discussão de conceitos de cultura, a partir de autores como Nestor Canclini, Edward Said, entre outros, no contexto internacional, e Santos, Rocha, Laraia, Schneider, outros (as) mais, no contextonacional. Contudo, tinha dúvidas sobre a exata utilização desses conceitos, ou seja, como aplicá-los a textos narrativos ligados ao mundo das culturas de língua inglesa a partir do Brasil. Foi então que decidi desde o início trabalhar com a disciplina pelo enfoque pós-colonial, o que ficaria mais afinado com o que eu já vinha fazendo há vários anos, pelo menos na esfera da Pós-Graduação.

Assim, um dos primeiros textos que venho utilizando na disciplina mencionada é a carta, na verdade, o discurso, do Cacique Seattle, proferido em 1854, no momento em que o Governo dos Estados Unidos se propunha a comprar (ou praticamente apoderar-se oficialmente de) vastos territórios indígenas. Segundo apontam diversas antologias e sites sobre a história cultural estadunidense, a fala do Cacique foi divulgada pela primeira vez em 1887 por um médico que esteve na plateia assistindo ao pronunciamento e fazendo anotações (já que o Cacique pertencia a uma cultura oral), vindo a publicá-la mais tarde. Há questionamentos por parte de historiadores mais tradicionais quanto a se, de fato, se poderia con-

fiar em fontes não claras e definidas dessa autoria, o que inclusive é problematizado no site dos Arquivos Nacionais dos Estados Unidos como nos afinamos com uma visão da história que reconhece que nem sempre há registros oficiais de eventos que envolvem os “de baixo” (Burke, 1991), tomamos as várias referências (informais e/ou de caráter oral) ao conteúdo da carta como satisfatórias e suficientes. Nesse sentido, partindo do que o Cacique Seattle falou, ou do que o referido médico interpretou a partir de seu discurso, esse se perguntava: “Como é possível comprar ou vender o céu e o calor da terra? Se o ar fresco e o brilho das águas não nos pertencem, como podemos vendê-los?” (National archives).

Sempre compreendi que esse discurso claramente ecológico do Cacique funciona de forma muito satisfatória para criar certa empatia por parte de alunos brasileiros, estudantes da língua inglesa e suas culturas, com visões de uma América, ou melhor, de um continente, de fato, subdividido, mas com origens bastante semelhantes. A partir daí, naturalmente, um jogo entre textos do período colonial, com ecos vinculados aos tons de catequese, de tentativas de aculturação, visões essas atreladas ao velho mundo, nos localizam no debate. Assim, mesmo que se leia Shakespeare, por exemplo, por seu valor literário e seu suporte para entender a “alma inglesa”, também se consegue apontar os impactos nas Américas desse que foi o Império onde “o sol nunca se punha” por um viés mais crítico, já no primeiro semestre do curso de Letras-Inglês, por exemplo.

Portanto, ter contato com as vozes que lamentam, que choram e problematizam as perdas e traumas vivenciados pela experiência de ter tido territórios e culturas invadidas, mas que insistem em reagir e resistir, me parece ser a melhor justificativa para essas abordagens de tais conteúdos. Analisar a relação entre o trauma individual – vivenciado por um sujeito nativo via atropelo físico ou verbal – e o trauma histórico coletivo – que se manifesta como desafio às construções simbólicas de todo um povo através da leitura de textos, tanto teórico-críticos quanto literários, é a proposta que entendemos como mais produtiva para esses estudos na contemporaneidade dentro de uma instituição de ensino superior.

Certamente podemos pensar o processo de colonização europeia como o mais intenso e devastador pelo qual os nativos norte-americanos passaram, com sequelas inegáveis. A partir do século XX, o surgimento de produções artístico-literárias que transmitissem características da experiência traumática vivida por esses povos significou uma resposta a uma demanda social de expressão cultural das minorias assombradas por um passado atroz. Para entender esse passado atroz, devemos buscar entender o conceito de “trauma”. Em seu livro *Trauma and survival in contemporary fiction*, a pesquisadora Laurie Vickroy definiu trauma como sendo, “(...) uma resposta a eventos tão esmagadoramente intensos que prejudicam as respostas emocionais ou cognitivas normais, causando uma perturbação psicológica duradoura.” (2002, p. 9). Vickroy (2002, p. 10) ainda

complementa, ao comentar o caráter da literatura sobre o trauma: “Narrativas de trauma são respostas personalizadas para a emergente consciência desse século sobre os efeitos catastróficos causados por guerras, pobreza, colonização e abuso doméstico na psique individual”. A mesma autora argumenta que, ao representarem o trauma em suas obras, os escritores pós-coloniais levam seus leitores a refletir e reconsiderar suposições culturais sobre identidade e dinâmicas de poder (VICKROY, 2002, p. 11). No caso das culturas ameríndias, mais do que simplesmente tentar retratar os povos nativos como vítimas, esses autores e autoras têm se engajado na tarefa de despertar em seus leitores uma consciência social e étnica acerca das sequelas deixadas pela colonização europeia nas Américas.

VOZ POÉTICA E RESISTÊNCIA

Destaco, a partir desse momento, a produção de Rita Joe, escritora indígena nascida em 1932 no território hoje denominado Canadá e falecida recentemente, com a finalidade de apontar como o trauma histórico aparece em um de seus poemas, ilustrando as possibilidades de crítica às quais venho me referindo. Rita Joe foi membro da tribo Mi’kmaq, tendo aos 10 anos se tornado órfã e aos 12 anos, ingressado como interna em uma escola indígena (*residential school*), onde as críticas destrutivas quanto a sua cultura constantemente a incentivaram a começar a escrever como forma de resistência, segundo ela mesma relata (HISTÓRICA CANADA, 2007). Ao longo de seu poema “I lost my talk” (ou seja, “Eu perdi minha fala”), publicado em 1989 na antologia de literatura indígena de Goldie e Moses, é possível perceber por que linha segue a denúncia de Joe.

I lost my talk
I lost my talk
The talk you took away.
When I was a little girl
At Shubenacadie school.
You snatched it away:
I speak like you
I think like you
I create like you
The scrambled ballad, about my world.
Two ways I talk
Both ways I say,
Your way is more powerful.
So gently I offer my hand and ask,
Let me find my talk
So I can teach you about me.

Nos dois primeiros versos do poema – “I lost my talk/the talk **you** took away” – podemos perceber que há uma clara tensão entre as figuras do eu-lírico, de quem algo foi tomado, e a pessoa a quem ele se dirige, o colonizador (“you”), responsabilizando-o por ter-lhe tirado, entre outras coisas, a “fala”.

Vale considerar aqui que uma das formas de resistir à cultura dos colonizadores foi tratar das perdas resultantes da tentativa de descaracterização cultural, apontando claramente a violência por meio da qual os nativos foram não apenas tratados, mas também retratados. Por essa razão, uma possível interpretação para o emprego da palavra “talk” (fala) seria a de que essa foi utilizada para se referir não apenas à língua, à tradição oral e à cultura indígena em geral, mas também à capacidade de dar opinião, enfim, à voz ativa destes povos nas decisões que dizem e sempre disseram respeito às suas próprias vidas como Donovan (1998:7-8), crítica literária indigenista, coloca

Talvez o tópico mais fundamental levantado pela literatura de origem indígena, particularmente aquela produzida por mulheres, e pelas teorias feministas, esteja relacionado à voz: quem pode falar? Como pode falar? Sob quais circunstâncias? E o que pode ser dito? (...) Que ação pode ser tomada?

Em seguida, após anunciar esse simbólico **roubo da fala**, o eu-lírico relembra a infância e uma das instituições impostas pelo colonizador, a escola-internato indígena *Shubenacadie*. “When I was a little girl/At Shubenacadie school”. A escola Residencial Shubenacadie foi construída em 1929 esteve em funcionamento entre os anos de 1930 – 1967. Essa foi uma escola localizada na província de Nova Scotia, no Canadá. Vale pontuar que, uma das mais fortes tentativas de repressão da cultura indígena se deu, na América do Norte, por meio da criação do sistema de escolas residenciais ou internatos para “educar” os aborígenes, a partir do final do século XIX. Essa escola específica permaneceu em atividade até quase o final do século XX (OBLATES IN THE WEST, 2009). O governo da época, que enxergava os aborígenes como sendo povos “não civilizados” e, portanto, inferiores em termos de cultura e intelecto, desenvolveu o sistema como uma tentativa de “civilizar” os nativos por meio da alfabetização, educação europeia e cristianização (SINCLAIR, 2012), contando com a parceria de diversas instituições religiosas que se aliaram aos projetos coloniais. Na segunda estrofe, o poema diz o que segue:

You snatched it away:
I speak like you
I think like you
I create like you
The scrambled ballad, about my word.

Ao dizer que agora **fala, pensa e cria** como o outro, sentindo-se roubada, a voz lírica demonstra que houve certa assimilação das diferenças e valores culturais impostos pelo colonizador. Tal incorporação, claro que parcial, sugere que, de fato, “a balada passou a ficar misturada” (*the scrambled ballad*), o que também pode se referir à tradição oral indígena, melodia que insiste em não desaparecer, que se insere, que penetra, que sobrevive mesmo em meio a tantas invasões e impregnações estrangeiras. Ainda no verso “You snatched it away” (Você arrebatou isso), é possível supor que talvez o eu-lírico não estivesse se referindo unicamente às perdas culturais supracitadas, nem apenas à fala, mas também ao fato de as crianças indígenas serem tiradas do convívio dos seus familiares a pretexto de absorverem melhor a cultura europeizada imposta nas escolas residenciais, ficando por anos e anos sem ver os parentes nem visitar suas comunidades de fato, em 1883, Hector Langevin (1826-1906), o então ministro das Obras Públicas e membro da Assembleia Legislativa da Província do Canadá, defendia o que segue: “Devemos separar as crianças de suas famílias, a fim de educá-las de maneira adequada. Algumas pessoas podem dizer que isso é difícil, mas se queremos civilizá-las, devemos fazer isso.” (THE NATIONAL, 2015), indicando que outros valores morais poderiam ser relativizados a fim de ter sucesso na empreitada colonizadora de forma imediata.

Na terceira estrofe do poema de Joe, o entre lugar cultural é nítido,

Two ways I talk
Both ways I say,
Your way is more powerful.

O eu-lírico reconhece sua habilidade em circular pelas culturas a partir de seu lugar; transita pelo mundo e língua do outro, enquanto que o outro só desfruta de seu próprio lugar hegemônico, singular. Poderoso, mas uni-direcionado. Por fim, a última estrofe:

So gently I offer my hand and ask,
Let me find my talk
So I can teach you about me.

O eu-lírico pede gentilmente a solidariedade do outro, no sentido de reencontrar sua “fala” (aqui significando tradições, cultura, língua), o que permitiria que, tendo sua fala de volta, poderia contar algo mais sobre si mesmo e sobre sua cosmovisão aos que se interessarem. Não é a à toa que Rita Joe, em entrevista, deu o seguinte depoimento: “Meu maior desejo é que haja mais escrita do meu povo, e que os nossos filhos a leiam. Eu já disse repetidas vezes que a nossa história seria diferente se tivesse sido escrita por nós.” (Joe, 2007).

Por estarmos mencionando esse contexto indígena da língua inglesa, me parece também fundamental mantermos sempre um pé cá e outro acolá, um na América do Sul, outro na do Norte. Nesse sentido, vale destacar que ecos da temática utilizada por Rita Joe marcam presença também no território nacional. Eliane Potiguara é uma das poucas mulheres indígenas do Brasil a terem seus textos publicados e reconhecidos nacional e internacionalmente, como bem aponta Graça Graúna (2013), também estudiosa e escritora indígena. Potiguara relata do deslocamento imposto no início do século XX ao seu grupo familiar, por razões políticas, sendo praticamente expulsos daquela tribo paraibana. Em seu poema “A denúncia”, publicado no livro *Metade cara, metade máscara*, a escritora (POTIGUARA, 2004, p. 73) trata de temática bastante semelhante ao poema de Joe acima discutido.

A denúncia
Ó mulher, vem cá
Que fizeram do teu falar?
Ó mulher conta aí...
Conta aí da tua trouxa
Fala das barras sujas
Dos teus calos na mão
O que te faz viver, mulher?
Bota aí o teu armamento.
Diz aí o que te faz calar...
Ah, Mulher enganada
Quem diria que tu sabias falar!

Aqui há um chamamento pela voz da mulher mais uma vez. Através de uma proposição de temas do cotidiano –sobre a trouxa de roupa, o duplo sentido das barras sujas, sobre calos e labutas – esse cotidiano pede reação, uma reapropriação do lugar da fala. Não é a mulher quem engana, forma pela qual a indígena foi tantas vezes representada pela voz colonial, como *squaw*, traidora, prostituída. Aqui ela foi confirma ter sido enganada ao deixar de acreditar em sua voz, no poder de suas palavras, em seu poder de fala, de criação (pela fala) de um mundo que ainda pudesse fazer sentido. O poema diz que “o que te fez calar não é o mesmo que te faz viver”. Há outras razões de vida que a força que planejou a dominação cultural no continente americano sequer pode supor como um armamento, as crenças, as forças vitais arrancam essa mulher da posição silenciada, de invisibilidade, de debilidade. E a partir daí, inúmeras são as surpresas no que diz respeito às semelhanças entre as Américas.

Quando partimos de um enfoque que percebe essas línguas e culturas que aqui se alojaram após invasões e conquistas (sejam essas atreladas ao inglês, ao espanhol, ao português) como, de fato, posteriores, secundárias, não negando as origens (culturais, linguísticas, étnicas) indígenas das Américas, aí, sim, nos identificamos como um continente ameríndio em sua matriz.

No livro *A cultura-mundo*, Lipovetsky e Serroy (2011, p. 163), ao discutirem as características do momento contemporâneo, defendem que, “diante do mundo do desordenado e do desnordeado”, as instituições de ensino deveriam promover “uma cultura do sentido e da história”, formando professores capazes de lidar com a rapidez do hoje, sem abrir mão da busca por algum aprofundamento apoiado nas experiências, nas falas e nas vozes de ontem e de hoje, evitando que o conhecimento circule de forma excessivamente solta, desvinculada.

Acredito que tanto Rita Joe como Eliana Potiguara fazem isso através da poesia que criam, ou seja, ambas buscam resignificar as histórias de seus povos, confirmando que o desconhecido sempre carrega surpresas, como diz o eu lírico no último verso do poema de Eliane Potiguara: “Quem diria que tu sabias falar!”. Revalorizar o lugar de fala, o foco, a perspectiva desses povos nativos é surpreender leitores e leitoras em geral quanto as novas possibilidades de se pensar a contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1991.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2003.
- COSTA, Claudia de Lima Costa. Os feminismos descoloniais e a construção de “saberes próprios” nas zonas de contato/tradução. In: DALCASTAGNE, Regina; LEAL, Virginia Maria Vasconcelos (Eds.). *Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Zouk Editora, 2015.
- DONOVAN, Kathleen M. Introduction. In: *Feminist readings of native american literature: coming to voice*. Tucson: Arizona UP, 1998.
- GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2013.
- GOLDIE, Terry & MOSES, Daniel David. *An anthology of Canadian Native Literature in English*. Don Mills, Oxford University Press, 1998.
- HISTORICA CANADA, Rita Joe. Disponível em: <https://www.historicacanada.ca/about>. Acesso em: 2 de abril de 2016.
- LIPOVETSKY, Gilles & SERROY, Jean. *A cultura mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

OBLATES IN THE WEST. Residential Schools in Canada. Disponível em: <https://oblatesinthewest.library.ualberta.ca/eng>. Acesso em: 2 de abril de 2016.

NATIONAL ARCHIVES. Seattle Chief. Disponível em: <https://www.archives.gov/publications/prologue/1985/spring/chief-seattle.html>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2017.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global, 2004.

ROCHA, Everaldo P. Guimarães. *O que é Etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANTOS, José Luis dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SCHNEIDER, Liane. *Escritoras indígenas e a literatura contemporânea nos EUA*. João Pessoa: UFPB/Ideia, 2008.

SINCLAIR, Murray. FASD – A Legacy of The Residential School System, 2012. Em: acesso em: 12 de janeiro de 2016.

THE NATIONAL. Stolen Children | Residential School survivors speak out. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vdR9HcmiXLA>. Acesso: 14 de maio de 2016.

VICKROY, Laurie. *Trauma and Survival in Contemporary Fiction*. Virginia: Editora The Rector and Visitors of The University of Virginia, 2002.